

Fazer música em conjunto: vivências em sala de aula

Diego Conto Lunelli
UCS
diego_lunelli@hotmail.com

Ticianacenci Ribeiro
UCS
ticianacenci@hotmail.com

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo relatar a experiência do fazer musical em conjunto em diferentes turmas da rede pública de ensino, durante os estágios curriculares II e III, bem como junto ao Pibid. As atividades foram desenvolvidas em uma turma de quinto ano, uma de nono ano e finalmente um terceiro ano do ensino médio. Neste texto estão relatados alguns pontos percebidos como semelhantes e divergentes entre as abordagens, e a recepção das propostas. Ao mesmo tempo são feitas considerações quanto às possíveis conclusões do projeto. A presente comunicação está dividida em introdução, apresentação dos projetos iniciais, contexto dos grupos, execução dos projetos e conclusões.

Palavras-chave: Educação básica. Prática em conjunto. Pibid.

Introdução

No decorrer deste trabalho será feito um relato de experiência utilizando três projetos distintos, envolvendo prática em conjunto, em diferentes turmas da rede pública de ensino. Os grupos que serão examinados compõem-se de uma turma de quinto e outra de nono ano do ensino fundamental e também um grupo do terceiro ano do ensino médio. Serão feitas observações e análise da realidade escolar de cada turma; também será apresentado um resumo dos projetos executados e, finalmente, uma mostra dos resultados nas diferentes realidades.

A presente comunicação está organizada em quatro partes: a introdução, onde será feita uma apresentação geral do trabalho e das realidades observadas; na primeira seção consta a apresentação dos projetos iniciais; a segunda seção traz um pequeno panorama do contexto de cada turma, com informações sobre os alunos e as escolas. Finalmente, a terceira seção apresenta o relato dos projetos e dos resultados parciais do trabalho, encerrando com as conclusões.

A partir de ideias sobre a prática musical em conjunto, bem como do período de observação das turmas e de leituras complementares, foram desenvolvidos os projetos de estágio curricular II no nono ano, o projeto de oficinas ligadas ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) no quinto ano e o estágio curricular III no terceiro ano do ensino médio. As duas propostas de estágio estiveram ligadas diretamente à execução de diferentes peças musicais com a participação de toda a turma, contudo a proposta ligada ao Pibid não tinha como foco principal a prática em conjunto. Porém, durante o processo foram realizados exercícios que visavam a execução musical envolvendo todos os alunos da turma.

O projeto de estágio curricular II foi realizado no ano de 2013, enquanto o projeto junto ao Pibid e o estágio III foram realizados no início de 2014. Deve-se considerar que essas foram as primeiras experiências das turmas, assim como das escolas com a música inserida na grade curricular. No entanto, não podemos desconsiderar que oficinas de música e outras atividades que envolvem o fazer musical já foram realizadas, em algum momento, dentro das escolas e com os alunos destes grupos.

Este relato foi possível graças ao curso de Licenciatura em Música da Universidade de Caxias do Sul, a qual foi orientadora dos estágios curriculares, e graças ao Pibid, que mostrou-se uma ferramenta facilitadora para a inserção dos graduandos na rede pública de ensino, tendo propiciado a convivência com diferentes estudantes, alunos da educação básica e profissionais que já atuam na rede. O Pibid também foi um importante aliado na busca por embasamento teórico, constituindo-se ainda como centro de discussão das práticas musicopedagógicas utilizadas nos projetos que serão objeto deste relato.

Apresentação dos projetos iniciais

Os três projetos aqui apresentados têm diferentes funções, uma vez que o estágio curricular pretende tornar o graduando consciente das situações que acontecem dentro de sala de aula, bem como criar nos estudantes a prática do planejamento de projetos em educação musical e a execução dos mesmos. No caso do Pibid, há no programa um caráter pedagógico que visa inserir os estudantes de licenciatura em todo o contexto escolar, não se limitando apenas à sala de aula, bem como despertar nos graduandos a prática da pesquisa e escrita acadêmica.

A proposta de atividades para o estágio II foi embasada na necessidade da turma em

integrar-se, porque durante as observações anteriores à prática foi percebido o distanciamento entre os alunos durante certas atividades, sendo que por diversas vezes nas aulas de arte era possível ver estudantes isolados, deixando de interagir mesmo quando estavam reunidos em grupos. Em momentos que a turma estava realizando exercícios, alguns jovens utilizavam fones de ouvido, dificultando ainda mais o diálogo.

Contudo, acredita-se que os alunos têm de ser vistos como sistemas complexos partes de uma sociedade, de um grupo social, auto organizadores, autônomos, criadores e recriadores da realidade, auto poético, ou seja, ecossistêmico, conforme aponta Maria C. Moraes (2008). Os educadores musicais precisam seguir esta tendência e compreender seu papel na educação, promovendo sempre que possível a interação, compartilhamento e diálogo entre os jovens.

O objetivo final do projeto de estágio II é a composição e execução de uma música escolhida e criada pela turma, pois, como Freire (2001), propõe-se considerar o discurso dos alunos. Da mesma forma, alguns princípios da educação musical apresentados por Swanwick (2003) como considerar a música como discurso, são inegáveis promotores de compartilhamento de ideias e discussões. Por essas e outras razões, a proposta para este grupo foi de prática em conjunto de uma peça musical composta pelos alunos.

Na segunda experiência, com o estágio curricular III, optou-se pela prática em conjunto com um repertório à escolha da turma. Como comenta Cristina Bertoni dos Santos em seu trabalho *Aula de música e escola* (2012), alguns exemplos devem ser trazidos pelos alunos a partir do contato e conhecimento com a música. Apresentando, assim, uma relação de proximidade entre o que eles ouvem e o que é conteúdo em educação musical. Conforme aponta a autora, as relações epistêmicas, de identidade e sociabilidades, são apresentadas pelos jovens em diferentes momentos sob diferentes situações e em níveis distintos (SANTOS, 2012).

Acreditando no poder da interação entre os indivíduos, percebe-se que uma das maneiras de fazer com que os jovens criem um respeito maior pelo gosto musical do outro é fazer com que eles pratiquem música juntos, que ouçam a mesma música e façam a mesma música. Não podemos pensar em respeito e interação com o outro se tivermos apenas a prática individual de repertório musical, não apenas no contexto formal, mas também em contextos diversos.

Conforme Cristiane Magda de Souza (2013, p.40) “[...] uma experiência

multicultural possibilita a ampliação desse universo, a interação com a cultura do outro, incorporando significado à própria identidade”, o que pode significar que na prática musical em conjunto com estudantes de diferentes gostos, o aluno pode criar respeito pelo outro, mas acima de tudo compreender a sua própria forma de ouvir música e o seu gosto. Não é uma afirmação baseada apenas em observação, mas na realidade de que “[...] a música é um privilegiado instrumento de promoção e manutenção de sociabilidades” (SILVA, 2012, p. 102).

A partir destas e de outras ideias sobre a prática musical em conjunto, o projeto de estágio curricular III objetivou executar, com uma turma de 3º ano do ensino médio, duas músicas de diferentes estilos com a participação de toda a turma. Para isso foram utilizadas, dentro das 10 aulas, ferramentas de interação e exercícios musicais que auxiliaram na conclusão desta proposta. Para conhecimento, as peças escolhidas pela turma foram *Boate Azul* (Composição de Benedito Seviero e Thomaz) e *Tempo Perdido* (Composição de Renato Russo).

No projeto desenvolvido junto ao Pibid, as propostas iniciais apresentadas pelo coordenador do subprojeto música foram: conhecer a escola e sua dinâmica, identificar expectativas da comunidade escolar em relação às práticas do Pibid e criar um ambiente de identificação e relação direta com as turmas que iriam receber as oficinas do programa. A próxima etapa do projeto seria uma oficina de mapeamento, que registra de forma gráfica, escrita, sonora e/ou fílmica a diversidade das práticas musicais presentes na região da escola. As músicas presentes nos diversos espaços puderam contribuir também para o debate sobre a diversidade cultural na região e as distintas formas de produzir música.

Dentro desta proposta mais abrangente, uma das atividades desenvolvidas foi fazer música com os alunos. Para tanto foram realizados exercícios de imitação, percepção e criação, sempre com a participação de todos os estudantes na turma. Nestas atividades puderam ser observadas algumas relações com as práticas realizadas nos projetos de estágio curricular, como facilidade e rapidez, por parte dos alunos, de assimilar padrões rítmicos e melódicos e repeti-los; contudo, houve uma grande dificuldade de externar as ideias musicais presentes em seu imaginário.

Contexto dos grupos trabalhados

Durante os estágios curriculares as turmas eram da mesma instituição, localizada no centro da cidade, onde estudam cerca de 1200 alunos. Segundo as supervisoras pedagógicas dos turnos da manhã e tarde, o perfil social dos alunos é composto por moradores de diversos bairros da cidade, inclusive do interior, com renda familiar de média a baixa, com algumas exceções de alunos de renda média alta. Uma grande parte dos estudantes optou pelo colégio devido à sua localização e por estar próximo às paradas de transporte público da cidade, facilitando sua mobilidade. Da mesma forma, os grupos de nono ano do ensino fundamental e o terceiro ano do ensino médio guardam as características da escola, com alunos bastante heterogêneos quanto à situação econômica e social.

Com relação à escola onde foi desenvolvido o projeto junto ao Pibid, segundo o relato da coordenação pedagógica, os alunos que ali estudam são em sua maioria de baixa renda. A instituição de ensino está situada na zona periférica da cidade, estando próxima a um bairro identificado pela comunidade como pobre e violento.

A estrutura da escola é de um prédio com dois andares, que abriga todas as salas de aula, laboratório de informática, biblioteca, parte administrativa, cozinha, refeitório, sala de artes, sala dos professores e sala de oficinas, onde são desenvolvidas atividades musicais, de artes marciais, capoeira, teatro e dança. A escola possui uma turma de tempo integral, e está dividida de primeiro a nono ano, com turnos de manhã e tarde.

A turma na qual foram desenvolvidas as atividades é composta por estudantes que moram predominantemente no bairro onde a escola está situada, com alguns alunos de bairros próximos à escola. A faixa de idade dos jovens é de 10 a 12 anos, com situação econômica de baixa renda e com configurações familiares diferentes – alguns alunos moram com os avós, com tios, com pais separados e também com a mãe e o padrasto.

Apresentação dos resultados dos projetos

Primeiro projeto

Durante o primeiro projeto com o estágio curricular na turma de nono ano, nas primeiras aulas foram realizadas atividades que envolvessem diversos ritmos, além de utilizar diversas abordagens metodológicas. A problematização foi feita através de uma audição

inicial sem explicações prévias, seguida de questionamento aos alunos sobre o que eles ouviram e o que eles conhecem a respeito das obras apreciadas. Todas as opiniões são ouvidas e escritas no quadro como chuva de ideias para elaborar um conceito final, e, a partir dele, é feita uma segunda audição para associar a música ao conceito e contexto discutido.

No início da segunda parte do projeto, quando seriam criadas as composições, a turma foi separada em grupos e lhes foi dada a tarefa de criar, organizar e ensaiar a peça. Os grupos demoraram um pouco para se organizar. Os mesmos ficavam distribuídos em lugares próximos à sala de aula, para que todos pudessem ser vistos durante as atividades.

Não foi percebida muita dificuldade no início da atividade, porque os critérios foram apresentados no início da aula e posteriormente junto aos grupos. Uma metodologia utilizada foi de, sempre que possível, circular entre os grupos, para demonstrar a presença se houvesse necessidade, mas ao mesmo tempo tentar ajudar somente em questões que eles realmente não conseguiriam sozinhos. Cada grupo teve dificuldades particulares; o mais complicado foi aquele que contava com um maior número de componentes, porque sempre havia dispersão entre eles e, quando todos se concentravam, demoravam para entrar em um acordo.

O grupo que se desenvolveu mais rapidamente fez uma composição simples, com um ganzá, colheres, surdo e copos: os integrantes do grupo mantinham ostinatos com base nos ritmos trabalhados. Em alguns momentos houve dispersão dos grupos, mas quando isso acontecia procurava-se ir aos grupos para auxiliar a concluir o trabalho. Um aluno que no início das aulas se mostrava pouco interessado no exercício, ao final da tarefa liderava um dos grupos.

Segundo projeto

Quanto ao projeto de estágio curricular III, os encontros se desenvolveram de forma diferente, pois mesmo tendo em comum o objetivo de prática em conjunto, o repertório não seriam composições, mas interpretação. A escolha das peças, bem como a escolha das funções dos participantes ocorreu de maneira tranquila e sem grandes conflitos, mas utilizou duas aulas para se completar a tarefa. Foram necessárias várias atividades de apreciação, além de exercícios rítmicos e vocais antes de iniciar os ensaios, porque foi constatado uma dificuldade dos alunos para atacar juntos as entradas, assim como problemas de afinação. Uma das atividades utilizadas foi executar com a voz motivos melódicos, partes das músicas que

estávamos trabalhando, e pedir que os alunos repetissem com boca chiusa.

Durante o projeto houve o problema de uma parte da turma estar sem interesse em realizar a atividade, enquanto a outra parte parecia bastante interessada. Mesmo após individualmente tentar resolver os problemas, não houve adesão de todos. Foi então mantido o planejamento de continuar com os ensaios, baseado na ideia de que seria mais eficiente com a turma toda praticar as músicas antes de tentar solucionar conflitos individuais, porque o objetivo do trabalho sempre foi a prática em conjunto, sendo essa uma escolha baseada na observação do grupo.

Sempre foi procurado manter uma rotina de chamada, deslocamento para a sala de ensaio (o auditório da escola) e a colocação dos alunos em suas posições para então iniciar a prática. A ordem da execução das músicas não era regular, pois o mais importante era resolver problemas mais urgentes e executar as duas peças inteiras. Buscou-se começar as músicas da mesma forma, com os instrumentos de harmonia, e seguir com a base rítmica. Depois de ensaiar uma vez sem a voz, ensaiamos com os cantores; essa rotina se mostrou eficiente e deu uma dinâmica funcional para as aulas.

Terceiro projeto

Das atividades desenvolvidas na turma de quinto ano, as principais práticas em conjunto tomaram três períodos, sendo que a primeira atividade foi de imitação e improvisação. A resposta das crianças a esse tipo de prática foi bastante positiva, porque mostraram-se abertos e atentos para desenvolver a tarefa, além de serem muito ágeis na compreensão da proposta e no desenvolvimento da mesma.

As outras propostas envolviam compor e executar música em conjunto, neste caso o desenvolvimento das propostas não teve o mesmo sucesso das atividades de imitação. Talvez por termos tido poucos encontros e um período de tempo curto para explorar ainda mais possibilidades sonoras com a turma, as composições foram em sua maioria curtas e com todos os integrantes do grupo realizando o mesmo ostinato rítmico. Além da criação das composições ter tomado muito tempo, houveram muitos momentos de tumulto no decorrer do processo, mas ainda com todas as dificuldades, as atividades foram realizadas até o fim.

Conclusões

Dos resultados obtidos nos diferentes projetos aqui apresentados, percebeu-se que os alunos estão desejando desenvolver atividades relacionadas à música, independentemente da idade ou da situação socioeconômica. Ainda que as escolas não pareçam estar estruturalmente prontas e nem mesmo pedagogicamente esclarecidas quanto aos processos de ensinar música, os jovens querem e são muito capazes de desenvolver plenamente atividades musicais.

Os processos dentro da educação na rede pública de ensino estão passando por transformações, onde se começa a perceber que é possível trabalhar o pensamento transdisciplinar e sistêmico. Muito mais, na área de educação musical, conforme Georges Snyders (1997) nos traz em seu livro *A escola pode ensinar as alegrias da música?* que o ensino da música na educação básica pode despertar nos estudantes um maior interesse nos estudos das mais diversas áreas.

Para alguns alunos é a partir talvez da beleza da música, da alegria proporcionada pela beleza musical, tão frequentemente presente em suas vidas de uma outra forma, que chegarão a sentir a beleza na literatura, o misto de beleza e verdade existente na matemática, o misto de beleza e eficácia que há nas ciências [...] (SNYDERS, 1997, p. 135).

As vivências em sala de aula enquanto aluno mostram-se de uma perspectiva completamente diferente e muitas vezes não se pode entender a complexidade do trabalho desenvolvido pelo professor. Ao mesmo tempo, neste momento de observação e atuação docente, sente-se também que os professores ainda não são totalmente capazes de perceber a gama das relações interpessoais e psicossociais dos estudantes.

Conforme apontam as pesquisas realizadas por Graça Boal Palheiros (2006), Cristiane Magda de Souza (2012) e Cristina Bertoni Santos (2013), na vida das crianças e dos jovens, ouvir música tem uma enorme representatividade social, afetiva, comportamental, cultural e psicológica; desta maneira a educação musical não pode ficar alheia a estas questões no desenvolvimento curricular. Há uma necessidade de ponderar o contexto dos alunos e as suas práticas individuais de audição para apresentar propostas interessantes de estudo da música em sala de aula.

O que pode ser ressaltado como maior aprendizado nesta etapa de formação é que nunca estamos completamente preparados para atuar em sala de aula, principalmente porque

as situações que são encontradas muitas vezes não estão nos livros, e têm de ser compreendidas e trabalhadas de acordo com as especificidades de cada grupo. O maior desafio é sermos mediadores do conhecimento e desenvolvimento sociocultural dos jovens em contextos distintos.

Especialmente, das turmas onde trabalhamos, levamos a experiência de lidar com jovens com características muito diversas, com vontades diferentes e com humores que mudam cotidianamente. Contudo, participam e estão dispostos a praticar a música do outro e, por mais que haja divergências entre seus pensamentos, com paciência e uma estratégia metodológica eficiente eles estão dispostos a fazer música em conjunto.

Referências

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa. São Paulo - SP. Paz e Terra, 2001.

MORAES, Maria C. Pensamento Eco-Sistêmico: Educação aprendizagem e cidadania no Séc. XXI. Petrópolis Rio de Janeiro. Editora Vozes 2008.

PALHEIROS, Graça Boal. Funções e modos de ouvir música de crianças e adolescentes, em diferentes contextos. In: ILARI, Beatriz (org.) Em busca da mente musical: Ensaios sobre os processos cognitivos em música – da percepção à produção. 2006 - Curitiba: Editora da UFPR, p.303-352.

SANTOS, Cristina Bertoni. Aula de música e escola: concepções e expectativas de alunos do ensino médio sobre a aula de música da escola. Revista da ABEM, Londrina – PR. V. 20, nº 27 – pag. 79-92. Junho de 2012.

SANTOS, Regina Marcia Simão. Fazer música em grupo: o Centro de Convivência Musical – CECOM. Anais - XXI Congresso Nacional da ABEM, Pirenópolis – GO. Pag. 1087-1097. Novembro de 2013.

SILVA, Rafael Rodrigues da Silva. O que faz uma música “boa” ou “ruim”: critérios de legitimidade e consumos musicais entre estudantes do ensino médio. Revista da ABEM, Londrina – PR. V. 20, nº 27 – pag. 93-104. Junho de 2012.

SOUZA, Cristiane Magda Nogueira de. Educação musical, cultura e identidade: configurações possíveis entre escola, família e mídia. Revista da ABEM, Londrina – PR. V. 21, nº 31 – pag. 51-62. Julho de 2013.

SNYDERS, Georges. A escola pode ensinar as alegrias da música? 3.ed. São Paulo: Cortez, 1997.

SWANWICK, Keith. Ensinando música musicalmente. Tradução de Alda Oliveira e Cristina Tourinho. São Paulo: Moderna, 2003.128 p.